

VULVA FÚCSIA: Ressignificando gênero e sexualidade nas redes sociais

Elisete Josefa de Souza¹

RESUMO:

O presente trabalho tem por objetivo apontar os resultados da observação das discussões estabelecidas no grupo Vulva Fúcsia², como prática de emancipação das mídias hegemônicas e das amarras que pretendem separar em caixas pré-definidas os comportamentos exigidos na construção de gênero, militância feminista, feminismo negro e militância LGBT. Como esses espaços virtuais auxiliam no processo de organização, formação e mobilização, e, em quais espaços se faz real essa performance produzida nas redes sociais e quais estruturas ela consegue abalar no contra fluxo. Entendendo que a concepção de gênero, atualmente, não está apenas ligada à identidade e construção cultural, mas também perpassa pelas questões étnicas, de classe e territorialidades. O intuito desse projeto é analisar como as ações e movimentações nas plataformas virtuais são utilizadas para discutir gênero e sexualidade, fortalecendo a comunicação e rede de trocas, a fim de se reivindicar e garantir autonomia fora das corporações hegemônicas. O Vulva Fúcsia, através das redes sociais busca ampliar debates que envolvem as temáticas já anunciadas, como um coletivo e grupo de discussão virtual. O referido projeto reuni pessoas de diferentes partes do país que tem interesse de (re)pensar as relações de poder estabelecidas, na sua diversidade e dentro do próprio movimento.

Palavras-chave: pós-mídia; gênero; sexualidade; autoformação

¹ Mestranda do Programa de pós Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, nyhmarinho@gmail.com.

² Vulva Fúcsia é um projeto que foi desenvolvido na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ) e que hoje atua nas redes sociais, discutindo as temáticas relacionadas a gênero e sexualidade. O referente projeto é objeto que faz parte da pesquisa do meu projeto de mestrado no PPGECC.

1-Introdução:

Entendendo que as lutas sociais, que buscam e visam a valorização e a garantia de direitos a grupos que tem sua cidadania e sua dignidade negadas, ainda se fazem extremamente necessárias, já que muitos privilégios e direitos são destinados a grupos específicos da sociedade. Podemos observar a potência das redes sociais para alcançar as pessoas que são afetadas diretamente nesse processo de segregação social e cultural, que tende a querer naturalizar o comportamento humano, esquecendo-se dos processos culturais que ressignificam esse conceito de natureza humana a todo momento. Talvez se não fosse pela rede, algumas dessas pessoas conectadas, que encontram-se na condição de marginalidade, nunca recebessem o discurso empoderado proferido por uma/um igual, talvez, se não fosse pelas redes sociais, algumas dessas pessoas nunca tivessem alcance desse discurso que muitas vezes não ultrapassa os muros das universidades, ficando assim com a visão e opinião que sempre vem de cima para baixo, das mídias burguesas convencionais que tem seu posicionamento baseado na postura do homem eurocêntrico/branco, hétero e cristão.

Não quero com isso dizer que os espaços físicos que constituem-se para a formação política da militância sejam dispensáveis, não, de forma alguma! Apenas salientar a importância desses espaços virtuais como um ambiente formador, que podem ser tão importantes na construção e adesão à esses movimentos, que precisam cada dia mais de novas pessoas para combater conceitos tão naturalizados e enraizados de moralidade e da ordem do status-quo. Compreender que todos os espaços constituem-se em espaços políticos e de disputa, e que as redes virtuais estão disponíveis para aglutinar, no papel formador e autoformador, no processo político e de reconhecimento, de apropriação do discurso, da noção de pertencimento e de identificação coletiva. Essa alteração no processo de informação age diretamente nas relações de poder, os temas pautados na sociedade que antes encontravam-se nas mãos de instituições que fazem uso do jogo de interesses políticos e comerciais, daqueles que já estão estabelecidos no poder, deixa de ser centralizado nestes grupelhos e passa a ser potência de uma ação coletiva.

No presente momento em que aparentemente gozamos de uma certa autonomia, todos podemos falar dos temas que nos afetam, por nós mesmos, quem domina um pouco mais de determinado assunto quando faz uma postagem defendendo seu ponto de vista, está com isso contribuindo no processo de construção do pensamento crítico da/o outra/o. Quando fazemos uso

das redes sociais, ou plataformas multimídias para nos posicionarmos politicamente, fazemos daquele ambiente um lugar em que podemos deixar de ‘sermos falados’ e nos anunciar a nós mesmos, as nossas convicções, as já construídas e as que estão por vir.

As plataformas de comunicação multimídia e redes sociais, além de serem um ambiente que propiciam a troca, também se materializam como uma ferramenta e/ou um espaço que nos permite utilizá-lo como meio de organização, nos garantindo a possibilidade de explorar todos os seus mecanismos para nos organizamos e conseqüentemente marcarmos grandes encontros e manifestações, saídas das redes e partindo diretamente para as ruas. Como exemplo: a Marcha das vadias³, que aqui no Brasil teve sua primeira edição confirmada e organizada pelo facebook. Interessante observar que por vezes, pessoas que se colocam no papel de organizadores de alguns desses eventos que tem como objetivo a luta por garantia de direitos e cidadania, em muitos casos não tem vínculo de militância política com nenhum partido sequer, não existe vanguarda, todos somos potencialmente vanguarda. O que esses movimentos sociais em rede estão propondo em sua prática é uma nova utopia no cerne da cultura da sociedade em rede: a utopia da autonomia do sujeito em relação às instituições da sociedade (Castells, 2013). O impacto que essa era pós-mídia tem em nosso cotidiano é visível, sobretudo por que ‘as redes sociais’ é o lugar onde todos nos encontramos, e estamos a todo momento, mesmo com a bolha gerada, que separa quem receberá as informações de acordo com o perfil, ainda assim é onde as informações conseguem flutuar de forma mais livre, podendo fazer um pouso em qualquer pessoa que navegue.

Sobre uma ótica que aborde as configurações históricas da militância de grupos que até o presente momento estão lutando para conseguirem conquistar seu espaço de direito, igualdade e cidadania digna, perceberemos o quão importante era a necessidade de reuniões presenciais para que fossem pautadas as lutas, as reivindicações e as bandeiras a serem levantadas e defendidas por esses grupos. Classes tidas como minoritárias e excluídas do seio dessa sociedade normatizadora e reguladora, tinham a necessidade de criar grupos de discussão e trabalho (GD's e GT's) em espaços físicos, para que assim houvesse a abordagem e o aprofundamento de

³ A **Marcha das Vadias** (em inglês: *SlutWalk*) é um movimento que surgiu a partir de um protesto realizado no dia 3 de abril de 2011 em Toronto, no Canadá, e desde então se internacionalizou, sendo realizado em diversas partes do mundo. A Marcha das Vadias protesta contra a crença de que as mulheres que são vítimas de estupro teriam provocado a violência por seu comportamento. Por isso, marcham contra o machismo, contando sobre os seus próprios casos de estupro. As mulheres durante a marcha usam não só roupas cotidianas, mas também roupas consideradas provocantes, como blusinhas transparentes, lingerie, saias, salto alto ou apenas o sutiã. (Wikipédia)

determinados assuntos que norteariam essas demandas. A decisão do que seria relevante a se enfrentar em determinado instante, seria resultado do que a maioria naquele espaço deliberasse (dependendo, claro, da forma como cada movimento delibera -por voto da maioria ou voto consensual- lembrando que cada grupo e movimento social têm suas particularidades), e assim haveria a deliberação que 'permitiria' que esses grupos dessem mobilidade as lutas sociais e políticas a serem enfrentadas e tocadas. Desse modo, acreditava-se que a politização desses grupos que lutavam/lutam pela garantia de direitos civis que eram/são a eles negados, por estarem e serem considerados à margem, se dava pelo processo/conceito modernista de 'conscientização': eu no meu estado superior de consciência, levo a aquele que esta na caverna, inconsciente e alienado, a luz que permitirá ver não só a sombra, mas retirá-la/retirá-lo desse ambiente que aprisiona e fornecer a essa/esse ser ferramentas dialéticas para lutar contra esse sistema que a/o oprime.

O intuito desse trabalho é observar as experiências que os meios de comunicação multimídia tem na produção e construção da identidade assumida por meninas e mulheres que dizem-se feministas nesses espaços, em quais territorialidades há a reprodução do que circula na internet como um ato combativo, e, de que forma essa postura combativa assumida por muitas delas é sublimada fora do espaço virtual. Como essas páginas, imagens e textos reverberam no cotidiano dessas mulheres. Será que nós, como fragmentos do todo, somos capazes de através desses espaços universalizar o discurso entre esses grupos que identificam-se com a causa defendida, ou, construir novos engendramentos para (re) pensar novas práticas de resistência? Como essas redes conectam não só pessoas, mas ideias que podem ser universalizadas?

Embora a capacidade de expansão de determinados conteúdos que circulam criem redes de conhecimentos e possibilitem as pessoas se tornarem autoras e relatoras de sua própria vida, locus e período histórico, é necessário compreender que as construções culturais tem um peso muito grande no processo de formação de identidade e de significados. A multiplicidade e as formas como cada grupo recebe tais informações e como essas informações são trabalhadas por estes são reflexos também de sua construção cultural. Para que sejam alcançadas determinadas mudanças efetivas na sociedade e romper com o discurso hegemônico, temos que analisar se estes desejos que emergem e viram discussão nas redes, de fato está mobilizando o desejo de mudança nessas pessoas.

Analisar quais os discursos e comportamentos que tentam determinar o que qualifica ou desqualifica a performance feminista, quais os empoderamentos permitidos, quais regras foram criadas para determinar o que é uma conduta feminista (conduta essa geralmente exigida por quem tem necessidade de esfregar sua carteirinha de militante exemplar na cara de outras meninas que estão iniciando o processo de empoderamento do seu corpo, da linguagem e da sua imagem) como um ato não revolucionário, ou, não empoderado. As relações de poder estabelecidas na sua diversidade e dentro do próprio movimento, a autonomia moral. Quais as subversões são autorizadas nessas interfaces de poder, quais normas e quais performances são legitimadoras da práxis política destinada a romper com valores dos discursos hegemônicos que tentam regular gênero e sexualidade.

Onde é que a resistência à ou na formação disciplinar do sujeito ocorre? Será que a redução [de Foucault] da noção, rica do ponto de vista psicanalítico, de *psyche* à noção de alma como jaula [em *Vigiar e punir*] elimina a possibilidade de resistência que emerge precisamente da incomensurabilidade da *psyche* e o sujeito? (BUTLER, 1997: 87)

Assim, apresento minhas intenções nesse trabalho, com intuito de discutir as práticas de emancipação das mídias e das amarras que pretendem separar em caixas pré-definidas os comportamentos exigidos na construção de gênero, e militância feminista, como os espaços multimídia e pós-mídia contribuem para essa emancipação e experimentação da subversão dos papéis de gênero feminino e sua sexualidade. Como esses espaços constituem-se no processo de organização, formação e mobilização dessas mulheres. Em quais espaços se faz real essa performance produzida nas redes sociais e quais estruturas ela consegue abalar no contra fluxo, e quais as marcações que constituem o termo gênero, e como essa concepção não está apenas ligada à identidade e construção cultural, mas perpassa pela questão étnica, de classe e das territorialidades.

2- Minha Vulva tem vida, minha Vulva tem cor: Vulva Fúcsia⁴

Meus escritos nesse momento vão dispensar o *falo*. Não é através do discurso ‘falicizado’ que venho empunhar meus dedos sobre o teclado aqui nesse trabalho, mas através do discurso vulvalizado, empoderado e embucetado.

⁴ O Vulva fúcsia é um programa de web rádio, que discute relações sexuais, sociais e comportamentais. O projeto Vulva Fúcsia está descrito por inteiro, e como se deu todo seu processo de construção na monografia de título: ‘VULVA FÚCSIA: Gênese e um novo testamento.’ Disponibilizada na biblioteca da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense.

Antes de discorrer as demais linhas desse trabalho, gostaria de apontar as motivações que me fizeram ter interesse nessa temática, e o quão a considero importante a ser discutida e pensada dentro da academia (e sobretudo fora dela), já que o assunto não se fez esgotado e tampouco superado.

Durante minha graduação no curso de pedagogia na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ), curso que tradicionalmente é composto por maioria feminina, e com a presença de alguns *machos alfas* que advindos das forças militares nacional, trazem consigo um discurso machista e misógino, usam desse espaço onde são minoria, para imprimir seu discurso machista e heteronormativo (não querendo generalizar, mas a maioria dos homens que tem esse perfil nesse espaço acadêmico, age dessa forma). Durante os quatro anos (e uns dois semestres a mais, talvez) lidei com esse tipo de discurso dentro da sala de aula, e a tentativa de silenciamento e diminuição a determinada aluna certo dia, me fez tomar posição e responder a um gracejo proferido por um desses rapazes em um seminário. Eu, na minha condição de mulher, filha de nordestinos e moradora da Baixada Fluminense, não aguentando mais ser taxada como inferior por homens que compactuam com esse discurso, me senti na obrigação de respondê-lo em tom de misandria, sim, por que nós enquanto mulheres lidamos com discurso machista e misógino em toda nossa trajetória de vida como um processo naturalizado em nosso contexto social, mas com uma simples retrucada, somos acusadas de misandria e opressão reversa. Pois bem, depois de gerado esse ‘mal-estar’ nasce o Vulva Fúcsia no final de 2008, projeto desenvolvido dentro da FEBF para que nós mulheres, naquele espaço e fora dele, pudéssemos discutir e falar por nós mesmas, demarcar território, domínio do discurso e do nosso corpo.

O projeto Vulva Fúcsia nasce como blog⁵, posteriormente vai para a rádio Kaxinawá⁶ (rádio universitária/comunitária da FEBF), torna-se programa da IPTV Kaxinawá⁷ (IPTV criada

⁵ O blog é um tipo específico de gênero hipertextual, que tornou-se popular devido a facilidade na sua criação, edição, atualização e manutenção. “...*também é reconhecido pelas peculiaridades das postagens que nele podem ser introduzidas: a dinamicidade e a liberdade.*” (Luccio e Costa, 2007)

⁶ A rádio Kaxinawá é a rádio universitária da FEBF com acesso livre à comunidade. Para implantar e inaugurar a rádio contamos com o apoio da FAPERJ (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro) e da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense/UERJ – que financiaram a compra do equipamento e a instalação do transmissor e antena – além da FASE (Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional), que proveu verba suficiente para o pagamento dos operadores de áudio, no período de quatro meses. (Sá, 2011)

⁷ O Laboratório Audiovisual - Laborav/IPTV Kaxinawá é um projeto de pesquisa dentro da FEBF que visa possibilitar aos alunos de pedagogia e dos demais cursos de licenciatura da referida faculdade inserir

dentro do espaço acadêmico para produções que dialogassem com educação), e cria perfis no twitter⁸, facebook⁹ e ustream¹⁰. Nessa era pós-mídia, o Vulva Fúcsia se utilizou de todos os discursos gratuitos disponíveis que conhecíamos para levar o debate para as redes sociais, e construir coletivamente uma postura combativa a esse discurso hegemônico e normalizador, e desconstruir esse conceito de sexualidade estabelecido pelo senso comum. Cogitando as universidades como um ambiente de formação do pensamento crítico, a fim de refletir a participação dos sujeitos no mundo, estas “não deveriam formar `peões` diplomados, mas sim jovens capazes de exercer sua autonomia, liberdade e singularidade” (Bentes, 2010).

O meu contato com o feminismo acadêmico antes da criação do referido blog, era nenhum, inexistente, e através do desejo de conhecer e estudar a temática, passei a fazer todas as minhas buscas iniciais através dos outros blogs, de páginas do google e wikipédia. Embora essas buscas tenham me proporcionado informações e conhecimentos que por vezes tenham me sido oferecida de forma extremamente rasas, esse primeiro contato foi primordial para que eu, que sem contato com grupos acadêmicos e organizados que discutissem feminismo, feminilidade e todas as questões que perpassam pela construção de gênero, pudesse me informar e (re) pensar o papel e a construção do sujeito mulher no contexto social e cultural. Novamente, venho aqui explicitar que os espaços presenciais ainda se fazem importante para a construção, troca e engendramento de maneiras de se construir e constituir lutas e resistência, porém, quando esses espaços não se fazem alcançáveis, os espaços virtuais podem contribuir de forma significativa para a construção e auto formação de seres críticos e autônomos.

2- O processo de construção e compartilhamento de conhecimento via rede na era pós-mídia.

nas salas de aulas projetos audiovisuais produzidos pelos mesmos e pelos próprios professores, incentivando dessa forma o contato e a formação na área de audiovisual.

⁸ Twitter é uma rede social e servidor para microblogging, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 140 caracteres, conhecidos como "tweets"), por meio do *website* do serviço, por SMS e por softwares específicos de gerenciamento.

⁹ Facebook é um website gratuito para os usuários e gera receita proveniente de publicidade, incluindo banners e grupos patrocinados. Usuários criam perfis que contêm fotos e listas de interesses pessoais, trocando mensagens privadas e públicas entre si e participantes de grupos de amigos.

¹⁰ Ustream é um site fundado em março de 2007, nos EUA. Permite facilmente a transmissão gratuita de conteúdos ao vivo por stream a partir de computadores pessoais e dispositivos móveis.

Como mencionado no início desse trabalho, minha graduação se deu no curso de Pedagogia. Todo trabalho que desenvolvemos no projeto supracitado se dava com intenções de compartilhamento de ideias e com intuito de função educacional. Em entrevista, Ivana Bentes (2010), caracteriza a pós-mídia de massa como sendo práticas descentralizadas de comunicação, que podem criar novas redes de interação colaborativas e participativas. O projeto teve início no final de 2008 com o blog como apropriação inicial do espaço virtual, com a intencionalidade de ser um espaço onde mulheres pudessem usar para se expor quanto sujeitas que se movem no mundo, com desejos sexuais, com vontades que não se encaixam nos parâmetros castradores e naturalizados pela sociedade. Esse discurso que naturaliza e torna a sexualidade das mulheres um objeto de troca e compensação para o bel prazer dos homens, foi o primeiro discurso a ser combatido dentro da Vulva Fúcsia, a ideia era discutir o corpo da mulher e seus desejos como sendo delas mesmas. Posterior à isso, outros debates foram agregados ao programa, abrangendo e aglutinando para questões da sexualidade dos grupos lgbtt's:

Sendo contra as formas de dominação (étnica, social e religiosa); contra as formas de exploração que separam os indivíduos daquilo que eles produzem; ou contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete, deste modo, aos outros (lutas contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão). (Foucault apud Dreyfus & Rabinow, 1995, p. 235)

Estabelecer esses dispositivos web-midiáticos como potência é importante para se pensar as possibilidades que temos em mãos para transformar alguns setores sociais e até mesmo educacionais. Pierre Levy (1999) denomina esse processo de cibercultura por todos-todos: dispositivo comunicacional original, possibilitado pelo ciberespaço, pois permite “que comunidades constituam de forma progressiva e de maneira cooperativa um contexto comum”. Levy também aponta para “as realidades virtuais compartilhadas, que podem fazer comunicar milhares ou mesmo milhões de pessoas, devem ser consideradas como dispositivos de comunicação, típicos da cibercultura” (p. 105).

Falar de sexualidade, identidade de gênero, combate à violência contra mulheres e a comunidade LGBTT's, fetiches, fantasias sexuais e tudo que envolva a temática relacionada a esses assuntos, fizeram com que grupos de pessoas - em especial jovens de periferias urbanas - que se identificassem ou se sentissem atraídas pelo tema, construíssem conosco os programas que eram transmitidos ao vivo através do ustream. Utilizo a afirmativa de que o uso das redes virtuais pode propiciar um encontro e alcance de pessoas, e que estas pessoas podem se construir e auto-formarem juntas, é por que vivenciamos esse fato. Nós, um grupo de estudantes de

pedagogia da Baixada Fluminense que através das redes virtuais, nos comunicávamos com pessoas de diferentes estados do Brasil para conversarmos sobre sexo/sexualidade, e, nem sempre quando ligávamos a câmera era para elucidarmos qualquer coisa, era um bate papo, ‘trocação de ideias’ com diferentes realidades de um país plural e diverso como o nosso, nesse processo de todos-todos.

Embora o presente trabalho, não tenha interesse em focalizar as problemáticas da escola em especial, mas sim pensar as possibilidades na construção de subjetividades nos espaços alternativos e virtuais. Compreendendo que a subjetividade é uma construção que se dá por meio da interação com o outro e a natureza, ela se faz em constante mutação no decorrer da história da humanidade (Foucault, 1985). Faz-se importante e possível a reflexão entre as relações de mídia e pós-mídia na construção de saberes e compartilhamento de experiência nesses espaços educacionais convencionais, dentro das possibilidades disponíveis.

Muito se lê, se fala, se discute e se critica a respeito da influencia da mídia/TV na formação/deformação do sujeito, em especial das crianças. Pouco se lê a respeito da possibilidade de nós mesmos criarmos a mídia que queremos, que podemos produzir para nos auxiliar no processo de ensino-aprendizagem com nossos alunos. Nessa era em que todos podemos criar e compartilhar materiais, a utilização desses meios/métodos tecnológicos podem ser uma importante aliada no processo pedagógico e incentivador na produção cultural e intelectual dos nossos alunos.

A forma como temos nos construído culturalmente no atual momento em que este trabalho está sendo realizado, tem uma influência muito grande das tecnologias e plataformas midiáticas em sua constituição. O uso das tecnologias midiáticas e de comunicação na educação pode ser de fato eficaz, não se pode ignorar as relações culturais e sociais a qual seus indivíduos estão inseridos. Obviamente quando esse contexto se faz real e alcançável, quando lidamos com alunos e sujeitos que tem acesso a esse tipo de tecnologia e dispositivos.

Pensar ações coletivas de construção de saber, informação, indignação, resistência e etc. Quais as realidades podemos transformar através dessas plataformas e dessas conexões, quais realidades já estão sendo mudadas e transformadas?

Se não gostamos da mídia então façamos nossa própria mídia, nosso próprio espaço de apropriação, nossas próprias interfaces, nossas próprias maneiras de criarmos vínculos afetivos que impulse as mudanças que queremos ver na esfera social.

As possibilidades são reais, palpáveis e podem ser utilizadas livremente. Talvez fazer seu próprio espaço, talvez apenas *curtir e compartilhar* o que circula nos espaços já criados.

Referência Bibliográfica:

A era pós-mídia de massa: a desconfiguração e descentralização da Comunicação. Entrevista especial com Ivana Bentes <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/29083-a-era-pos-midia-de-massa-a-desconfiguracao-e-descentralizacao-da-comunicacao-entrevista-especial-com-ivana-bentes-> , visualizado em dezembro de 2014.

CASTELLS, M. Redes de indignação e Esperança: Movimentos Sociais na Era da Internet. Edit.: ZAHAR. 2013.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade III: O cuidado de si. Trad. M. T. C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

LEVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.

RABINOW, P; DREYFUS, H. Michel Foucault: Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. V. P. Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

SBARDELOTTO, M; VARGAS, G. A era pós-mídia de massa: a desconfiguração e descentralização da Comunicação. Entrevista especial com Ivana Bentes. Disponível em: [http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/29083-a-era-pos-midia-de-massa-a-desconfiguracao-e-descentralizacao-da-comunicacao-entrevista-especial-com-ivana-bentes->](http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/29083-a-era-pos-midia-de-massa-a-desconfiguracao-e-descentralizacao-da-comunicacao-entrevista-especial-com-ivana-bentes-) Acesso em: dezembro de 2014.

_____, 1997b, The Psych Life of Power. Theries in Subjection. Stanford, CA, Stanford University Press.

